

ULTIMATUM FUTURISTA

ÀS GERAÇÕES PORTUGUESAS DO SÉCULO XX

JOSÉ DE ALMADA NEGREIROS

Eu não pertenço a nenhuma das gerações revolucionárias. Eu pertenço a uma geração constructiva.

Eu sou um poeta portuguez que ama a sua patria. Eu tenho a idolatria da minha profissão e peso-a. Eu resolvo com a minha existência o significado actual da palavra poeta com toda a intensidade do privilegio.

Eu tenho 22 anos fortes de saúde e de intelligencia.

Eu sou o resultado consciente da minha propria experiencia: a experiencia do que nasceu completo e aproveitou todas as vantagens dos atavismos. A experiencia e a precocidade do meu organismo transbordante. A experiencia d'aquelle que tem vivido toda a intensidade de todos os instantes da sua propria vida. A experiencia d'aquelle que assistindo ao desenrolar sensacional da propria personalidade deduz a apotheose do homem completo.

Eu sou aquele que se espanta da propria personalidade, e creio-me portanto, como portuguez, com o direito de exigir uma pátria que me mereça. Isto quer dizer: eu sou portuguez e quero portanto que Portugal seja a minha patria.

Eu não tenho culpa nenhuma de ser portuguez, mas sinto a força para não ter, como vós outros, a cobardia de deixar apodrecer a patria.

Nós vivemos numa patria onde a tentativa democratica se compromete quotidianamente. A missão da Republica portugueza já estava cumprida desde antes de 5 de Outubro: mostrar a decadencia da raça. Foi sem duvida a Republica portugueza que provou conscientemente a todos os cerebros a ruína da nossa raça, mas o dever revolucionario da Republica portugueza teve o seu limite na impotência da criação. Hoje é a geração portugueza do seculo XX quem dispõe de toda a força criadora e constructiva para o nascimento de uma **nova patria inteiramente portugueza e inteiramente actual** prescindindo em absoluto de todas as epochas precedentes.

Vós, oh portuguezes da minha geração, nascidos como eu no ventre da sensibilidade europeia do seculo XX **criae a patria portugueza de seculo XX.**

Resolvi em patria portugueza o genial optimismo das vossas juventudes.

Dispensae os velhos que vos aconselham para vosso bem e atirae-vos independentes prá sublime brutalidade da vida. Criae a vossa experiencia e sereis os maiores.

◀ JULIÃO SARMENTO

Ide buscar na guerra da Europa toda a fôrça da nossa patria. No **front** está concentrada toda a Europa, portanto a Civilização actual.

A guerra serve para mostrar os fortes mas salva os fracos.

A guerra não é apenas a data historica de uma nacionalidade; a guerra resolve plenamente toda a expressão da vida. **A guerra é a grande experiencia.**

A guerra intensifica os instintos e as vontades e faz girar o Génio plo contráste dos incompletos.

E' na guerra que se accordam as qualidades e que os privilegiados se ultrapassam. E' na violência das batalhas da vida e das batalhas das nações que se perde o mêdo do perigo e o mêdo da morte em que fômos erradamente iniciados. A vida pessoal, mesmo até a propria vida do Génio, não tem a importancia que lhes dão os velhos; são instantes mais ou menos luminosos da vida da humanidade. Todo aquele que conhece o momento sublime do perigo tem a concepção exacta de ser completo e colabora na emancipação universal porque intensifica todas as suas mais robustas qualidades na imminencia da explosão. E na nossa sensibilidade actual tudo o que não fôr explosão não existe. E' mesmo absolutamente necessário prolongar esse momento de perigo até durar intensamente a propria vida. Todo aquele que se isolar d'esta noção não pode logicamente viver a sua epocha: é um resto de seculos apagados, atavismo inutil, e no seu maximo de interêsse representa quando muito, a memoria de uma necessidade animal de dois indivíduos e... basta.

A guerra é o ultra-rialismo positivo. E' a guerra que destroe todas as formulas das velhas civilizações cantando a victoria do cerebro sobre todas as **nuances** sentimentaes do coração.

E' a guerra que accorda todo o espirito de criação e de construção assassinando todo o sentimentalismo saudosista e regressivo.

E' a guerra que apaga todos os idiaes romanticos e outras formulas litterarias ensinando que a unica alegria é a vida.

E' a guerra que restitue ás raças toda a virilidade apagada pelas masturbações **raffinées** das velhas civilizações.

E' a guerra que liquida a diplomacia e arruina todas as proporções do valor academico, todas as convenções de arte e de sociedade explicando toda a miseria que havia por debaixo.

E' a guerra que desclassifica os direitos e os códigos ensinando que a unica justiça é a Fôrça, é a Inteligencia, e a Sorte dos arrojados.

E' a guerra que desloca o cérebro do limite doméstico prá concepção do Mundo, portanto da Humanidade.

A guerra cobre de ridiculo a palavra sacrificio trasformando o dever em instinto.

E' a guerra que proclama a patria como a maior ambição do homem. E' a guerra que faz ouvir ao mundo inteiro plo aço dos canhões o nosso orgulho de Europeus.

Emfim: **a guerra é a grande experiencia.** Contra o que toda a gente pensa a guerra é a melhor das selecções porque os mortos são suprimidos plo destino, aqueles a quem a sorte não elegeu, emquanto que os que voltam têm a grandeza dos vencedores e a contemplação da sorte que é a maior das forças e o mais belo dos optimismos. Voltar da guerra, ainda que a propria patria seja vencida, é a Grande Victoria que ha-de salvar a Humanidade.

A guerra por razões de numero e de tempo, acaba com todo o sentimento de saudade para com os mortos fazendo em troca o elogio dos vivos e condecorando-lhes a Sorte.

A guerra serve para mostrar os fortes e salvar os fracos.

Na guerra os fortes progridem e os fracos alcançam os fortes.

Portugal é um paiz de fracos. Portugal é um paiz decadente:

1 — porque a indiferença absorveu o patriotismo.

2 — porque aos não indiferentes interessa mais a política dos partidos do que a própria expressão da patria, e sucede sempre que a expressão da patria é explorada em favor da opinião politica. Não é o sentimentalismo d'esta exploração o que eu quero evidenciar. Eu quero muito simplesmente dizer que os interesses dos partidos prejudicam sempre o interesse commum da patria. Ainda por outras palavras: a condição menos necessária para a força de uma nação é o ideal politico.

3 — porque os poetas portuguezes só cantam a tradição historica e não a sabem distinguir da tradição-patria. Isto é: os poetas portuguezes têm a inspiração na historia e são portanto absolutamente insensíveis ás expressões do heroismo moderno. D'onde resulta toda a impotencia prá criação do novo sentido da patria.

4 — porque o sentimento-synthese do povo portuguez é a saudade e a saudade é uma nostalgia mórbida dos temperamentos exgotados e doentes. O fado, manifestação popular da arte nacional, traduz apenas esse sentimento-synthese. A saudade prejudica a raça tanto no seu sentido atávico porque é decadencia, como pelo seu sentido adquirido porque definha e estióla.

5 — porque Portugal não tem odios, e uma raça sem odios é uma raça desvilisada porque sendo o odio o mais humano dos sentimentos é ao mesmo tempo uma consequencia do dominio da vontade, portanto uma virtude consciente. O odio é um resultado da fé e sem fé não ha fôrça. A fé, no seu grande significado, é o limite consciente e premeditado d'aquelle que dispõe d'uma razão. Fóra d'esse limite existe o inimigo, isto é, aquelle que dispõe de outra razão.

6 — porque a constituição da familia portugueza não obedecendo, unanime ou separadamente a nenhum principio de fé é o nosso descredito de nação da Europa. Desde a educação familiar até depois da educação official inclusivé o casamento a desordem faz-se progressivamente até á putrefacção nacional. E tudo tem origem na inconsciencia com que cada um existe: em Portugal toda a gente é pai pela mesma razão porque falta á repartição. Do estado de solteiro para o estado de casado dá-se exclusivamente, na nossa terra, uma mudança de habitos.

Em portugal educar tem um sentido diferente; em Portugal educar significa burocratizar. Ex.: Coimbra. Mas na maioria o portuguez é analfabeto e em geral é ignorante; na unanimidade o portuguez é impostôr; prova ividente de difi-cientisísimo.

7 — porque a desnacionalização entre nós é uma verdade, e pior ainda, sem energias que a inutilizem nem tentativas que a detenham:

a) O portuguez com todas as suas qualidades de plyglota desnacionaliza-se immediatamente fóra da patria, e até na propria patria, porque (com o nosso desastre do analfabetismo) a nossa litteratura resume-se em meia-duzia de bem intencionados academicos cuja obra, não satisfazendo ambições mais arrojadas, obriga a recorrer ás litteraturas estrangeiras. Resultado: ainda nenhum portuguez rializou o verdadeiro valor da lingua portugueza.

b) O portuguez educado sem o sentimento da patria e acostumado á desordem dos governos criou por si a compensação inutil de dizer mal dos governos e nem poupou a patria. Estabeleceu-se até, elegantemente, como prova de intelligencia ou de ter viajado dizer mal da patria. Isto deixa de ser decadencia para ser a propria impotencia fisica e sexual.

c) O portuguez assimila de preferênciam todas as variedades de importação e em descredito das proprias maravilhas regionalistas; o commercio e a industria têm quasi sempre de se mascararem de estrangeiros para serem eficazmente rendosos. E' porque todas essas variedades da importação cumprem mais exactamente as exigencias dos mercados do que os nossos commercios e industrias

regionalistas. Estas não satisfazem nem as necessidades nem as transformações sucessivas das sociedades, emquanto que a importação aparece sempre como uma surpresa e, sobretudo, obedecendo a todas as condições do que é útil, pratico, actual e necessario. De modo que nem chega a haver a luta — a importação entra logo com o rótulo da victoria.

8 — porque Portugal quando não é um paiz de vadios é um paiz de amadores. **A fé da profissão, isto é, o segredo do triumpho dos povos,** é absolutamente alheio ao organismo portuguez do que resulta esta continua atmosfera de tédio que transborda de qualquer resignação. Também o portuguez não sente a necessidade da arte como não sente a necessidade de lavar os pés.

E a Litteratura com todo o seu grammatical piégas e salista, diverte mais as visitas do que a necessidade de não ser ignorante. D'aqui a miseria moral que transparece em todas as manifestações da vida nacional e em todos os aspectos da vida particular.

9 — porque Portugal a dormir desde Camões ainda não sabe o novo significado das palavras. Ex.: patria hoje em dia quer dizer o equilibrio dos interesses commerciaes, industriaes e artisticos. Em Portugal este equilibrio não existe porque o commercio, a industria e a arte não só não se relacionam como até se isolam por completo recessos da desordem dos governos. A palavra aventura perdeu todo o seu sentido romantico, e ganhou em valor efectivo. Aventura hoje em dia, quer dizer: O merito da tentativa industrial, commercial ou artistica.

10 — porque o aspecto geral dos typos exala um estertor a pôdre. Portugal, uma resultante de todas raças do mundo, nunca conseguiu a vantagem de um cruzamento util porque as raças belas isolaram-se por completo. Ex.: as varinas.

O portuguez, como os decadentes, só conhece os sentimentos passivos: a resignação, o fatalismo, a indolencia, o mêdo do perigo, o servilismo, a timidez, e até a inversão. Quando é viril manifesta-se instintivamente animal a par do seu analfabetismo primitivamente anti-hygienico.

E' preciso criar a adoração dos musculos contra o desfilar faminto e debilitado das intruções militares preparatorias numeros I a 50.

E' preciso criar o espirito da aventura contra o sentimentalismo litterario dos passadistas.

E' preciso criar as aptidões pró o heroismo moderno: o heroismo quotidiano.

E' preciso destruir este nosso atavismo alcoolico e sebastianista de beira-mar.

E' preciso destruir systematicamente todo o espirito péssimista proveniente das inevitaveis desilusões das velhas civilizações do sentimentalismo.

E' preciso educar a mulher portugueza na sua verdadeira missão de fêmea para fazer homens.

E' preciso saber que sois Europeus e Europeus do Século XX.

E' preciso criar e desenvolver a actividade cosmopolita das nossas cidades e dos nossos portos.

E' absolutamente necessario resolver o maravilhoso citadino da nossa capital até ser a maior ambição dos nossos dialectos e das nossas provincias.

E' preciso explicar á nossa gente o que é a democracia para que não torne a cair em tentação.

E' preciso violentar todo o sentimento de igualdade que sob o aspecto de justiça ideal tem paralisado tantas vontades e tantos génios, e que aparentando salvaguardar a liberdade, é a maior das injustiças e a pior das tyrannias.

E' preciso ter a consciéncia exacta da Actualidade.

E' preciso substituir na admiração e no exemplo os velhos nomes de Camões, de Victor-Hugo, e de Dante pelos Génios da Invenção: Edison, Marinetti, Pasteur, Elcheïet, Marconi, Picasso e o padre portuguez Gomes de Hymalaia.



FINALMENTE: é preciso criar a patria portugueza de seculo XX.

DIGO SEGUNDA VEZ: é preciso criar a patria portugueza do seculo XX.

DIGO TERCEIRA VEZ: é preciso criar a patria portugueza do seculo XX.

Para criar a patria portugueza do seculo XX não são necessarias formulas nem theorias; existe apenas uma imposição urgente: Se sois homens sêde Homens, se sois mulheres sêde Mulheres da vossa epocha.

Vós, oh portuguezes da minha geração, que, como eu, não tendes culpa nenhuma de sêdes portuguezes.

Insultae o perigo.

Atirae-vos prá gloria da aventura.

Desejae o record.

Dispensae as pacificas e côxas recompensas da longevidade.

Divinizae o Orgulho.

Rezae a Luxuria.

Fazei predominar os sentimentos fortes sobre os agradaveis.

Tende a arrogancia dos sãos e dos completos.

Fazei a apologia da Fôrça e da Inteligencia.

Fazei despertar o cérebro expontaneamente genial da Raça Latina.

Tentae vós mesmos o Homem Definitivo.

Abandonae os politicos de todas as opiniões: o patriotismo condicional degenéra e suja; o patriotismo desinteressado glorifica e lava.

Fazei a Apotheose dos Vencedores, seja qual fôr o sentido, basta que sejam Vencedores. Ajudae a morrer os vencidos.

Gritae nas razões das vossas existencias que tendes direito a uma patria civilizada.

Aproveitae sobretudo este momento unico em que a guerra da Europa vos convida a entrardes prá Civilização.

O povo completo será aquele que tiver reunido no seu maximo todas as qualidades e todos os defeitos. Coragem, portuguezes, só vos faltam as qualidades.

Lxa. Dez. 1917

José de ALMADA-NEGREIROS

Reproduziram-se rigorosamente a ortografia e demais particularidades do texto inseric no "Portugal Futurista".